



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA**

**MARIA ESMERALDA BATISTA DA SILVA**

**AS GRAMÁTICAS SOCIAIS DE CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM  
TERRITÓRIO PRAIANO AMAZÔNIDA - REGIÃO CAETÉ**

**BRAGANÇA  
2023**

**MARIA ESMERALDA BATISTA DA SILVA**

**AS GRAMÁTICAS SOCIAIS DE CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM  
TERRITÓRIO PRAIANO AMAZÔNIDA - REGIÃO CAETÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança como parte do requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Natalina Mendes Freitas

**BRAGANÇA  
2023**

**MARIA ESMERALDA BATISTA DA SILVA**

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela Prof.<sup>a</sup>  
Dr.<sup>a</sup> Maria Natalina Mendes Freitas, apresentado ao  
Curso de Licenciatura em Pedagogia a Faculdade de  
Educação da Universidade Federal do Pará, como  
requisito para obtenção de grau graduanda em Pedagogia.

**AS GRAMÁTICAS SOCIAIS DE CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM  
TERRITÓRIO PRAIANO AMAZÔNIDA - REGIÃO CAETÉ**

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Natalina Mendes Freitas  
Orientadora – Universidade Federal do Pará

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Gorete Rodrigues Cardoso  
Avaliadora - Universidade Federal do Pará

---

Prof. Me. Antonio Matheus do Rosário Correia  
Avaliador - Universidade Federal do Pará

*A minha família, com seu jeito de amar motivaram meu sonho até o fim.  
As infâncias da Amazônia, mostraram-me que em meio as águas perpetuam-se histórias de  
lutas, sonhos e esperança.*

## AGRADECIMENTOS

*Agora eu era o herói  
E o meu cavalo só falava inglês  
A noiva do cowboy  
Era você, além das outras três*

*Eu enfrentava os batalhões  
Os alemães e seus canhões  
Guardava o meu bodoque  
E ensaiava o rock para as matinês*

*Agora eu era o rei  
Era o bedel e era também juiz  
E pela minha lei  
A gente era obrigado a ser feliz*

(João e Maria, Chico Buarque part. Nara Leão, 1977)

Começo esses agradecimentos com essa canção, pois, nesses últimos anos em contato com as crianças e suas infâncias voltei no tempo em pensamentos de uma época em que minha única preocupação era fazer uma casinha de palha com minha irmã na casa de nosso avô... o imaginário do brincar sempre foi presente em minha infância amazônica, no banho de rio nos finais de semana, no brincar de boneca no mato, de jogar bola embaixo das mangueiras, no subir nas árvores, de andar de canoa, e como canta Chico Buarque “*E pela minha lei, a gente era obrigado a ser feliz*”. Somos eternas crianças que ainda desejam desvendar o mundo com todas suas aventuras.

Escrever essa pequena composição do meu trabalho me fez lembrar de toda minha trajetória pessoal e acadêmica. Foram cinco anos repletos de dificuldades, superações e novos aprendizados, tanto pessoal quanto profissional. E grandes pessoas fizeram parte do começo dessa minha história, que agora venho agradecer em poucas palavras, essas que não são capazes de dizer tudo.

Eu disse a uma amiga que começaria agradecendo a mim mesma, contudo, percebi que não fui forte suficiente sozinha. Então, primeiramente, agradeço ao meu maior confidente nos momentos de adversidades e contentos, a **Deus**. Acredito que precisamos nos agarrar a algo maior que nossos medos, e a fé em algo ou em alguém nos move a superar nossos limites e a buscar até mesmo o impossível.

A maior incentivadora e exemplo de pessoa que não me fez abandonar meus sonhos, minha mãe, **Maria Edileusa**. Que tentava ficar acordada quando eu ficava até tarde escrevendo

meus trabalhos, que se importava quando estava longe, mesmo que fosse por um dia, que lutou desde minha infância para chegar aonde estou. Me ensinou a ter humildade e força para sempre correr atrás dos meus objetivos, e com um sorriso no rosto apesar de suas próprias lutas me fazia ver o lado bom das situações... se eu pudesse agradece-la por tudo, nunca terminaria de escrever, sou ainda mais grata a ela por não ter desistido de mim quando eu mesma tinha desistido.

Ao meu pai, **Luciano dos Santos**, que ao seu modo se mostrou presente nesse processo, com seu apoio para minha formação por um caminho que ofereça melhores oportunidades, e com suas cobranças me fez querer superar meus limites.

E ao meu padrasto, **José Amorim** ou melhor **Delson**, sinceramente, é como um pai para mim e minha irmã, sempre incentivou a buscar novos conhecimentos, a ser corajosa e curiosa nessa vida. E que, se dava o trabalho acordar cedo todos os dias para me levar para pegar o ônibus, mesmo que fosse de madrugada.

Ao meu sobrinho, **Thomas Oliver**, que me faz voltar a ser criança no imaginário de seu brincar. Mesmo sendo apenas uma criança, me faz ver o mundo com diversão, se tornando luz em minha vida com seus sorrisos e abraços.

Não poderia deixar de citar a pessoa que me ensinou a ler e escrever, mesmo sem um quadro, apenas com uma apostila e sem uma formação acadêmica, minha tia **Lucinalda dos Santos** ou tia **Nalda**. Me fez ser criativa, sonhadora, que despertou a pedagogia em mim. E a primeira a comemorar o início dessa história. Que não se faz mais presente, mas deixou grandes aprendizados e eternas saudades, levarei sua memória em meu coração.

Agora alguém que me refiro toda vez quando me perguntam como “minha professora”, a **Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Natalina Mendes Freitas**, e sendo aqui minha orientadora, mas sobretudo, um exemplo como educadora e de mulher com raízes indígenas amazônicas, com suas próprias superações e conquistas. Que me mostrou um caminho a seguir na educação com crianças no/do campo, me fazendo ver para quem desejo ensinar. Obrigada minha professora por me motivar e pela confiança depositada em mim!

Precisamos de amizades para nos apoiar nesse caminho acadêmico, sou agradecida aos meus amigos os quais criei laços para vida e até à aqueles que perdi pelo caminho. Cada um me motivou de um modo, mas uma coisa que todos diziam igualmente é “acredite em você e tenta!”, mas tenho uma gratidão especial por duas pessoas, então, obrigada **Ana Beatriz** por

seus conselhos sinceros sem rodeios sobre a vida os quais foram muito necessários, e por dividir lanches no banco da pracinha quando eu mesma não tinha, *bondade e coragem* descrevem essa pessoa que se tornou um exemplo em minha vida. **Nyara Christina** por me fazer aventurar nas jornadas da vida, como amiga e profissional motivando minha carreira a algo maior que eu possa acreditar, sua amizade surgiu quando menos esperava, aquece nosso coração com sua esperança e confiança na luta de todos que fazem parte de sua vida. Essas mulheres me abrigaram assim como meus sonhos quando mais precisei!

Por fim, a minha eterna criança que tenta ver o melhor do mundo, nas pessoas, ao andar pela rua, através da janela do ônibus e nos momentos simples da vida, não se perca pequena menina...

**Obrigada a todos por apoiarem essa história!**

*Sim, eu tenho a cara do saci, o sabor do tucumã  
Tenho as asas do curió, e namoro cunhatã  
Tenho o cheiro do patchouli e o gosto do taperebá  
Eu sou açaí e cobra grande*

*[...]*

*Sou pipira das manhãs  
Sou o boto, igarapé  
Sou rio Negro e Tocantins*

*[...]*

*Sim  
Eu tenho a cara do Pará, o calor do tarubá  
Um uirapuru que sonha  
Sou muito mais  
Eu sou, Amazônia!*

*(Amazônia, Nilson Chaves, 1990)*

## RESUMO

Falar das crianças e das infâncias na Amazônia Paraense perpassa tentar enxergar as muitas culturas, saberes e experiências que circulam no cotidiano dos espaços territoriais e (inter)territoriais rurais, interáguas, margeados por rios, estradas, praias, ramais, ilhas ou até mesmo no cotidiano do espaço urbano. A própria característica geográfica, histórica e econômica de cada território, expressa modos de vida que circulam pelo viés das gramáticas sociais de cada lugar, que as crianças espraiam em seu cotidiano, marcado pelas águas, rios, praias, mangues ou até mesmo nas pequenas praças das cidades interioranas. O recorte da pesquisa aqui discorrido tem o intuito de caracterizar e refletir sobre as redes de saberes e fazeres elaborados no cotidiano vivido e aos processos de interações socioculturais tecidas no ambiente praiano envolto com as águas que circundam seus espaços. O texto apresenta os resultados preliminares de uma pesquisa que vem sendo realizada sobre as gramáticas sociais das águas praianas da região do Caeté. Metodologicamente, a investigação de abordagem qualitativa, abarca aprofundamento bibliográfico e coleta de dados empíricos. Quanto a pesquisa bibliográfica, o estudo pautou-se em três eixos: Gramáticas sociais e culturais; Etnografia com crianças e Criança do campo, mediado pelos seguintes autores: Brandão (2015; 2015; 2007), Sarmiento (2004; 2007), Furtado (2003), Kramer (2019), Silva (2005), Soares (2006), Freire (1987), Corrêa (2022), Freitas (2019; 2020), Toutonge (2020;2021), Brasil (2010; 2009; 2008), entre outros. Os resultados apontam que as gramáticas sociais e culturais das crianças praianas, estão interrelacionadas e assentada nos pilares dos traços identitários da cultura local, seus brincares, e um cotidiano em constante movências (águas-brincares-pontes-escola-praia). Ademais, é preciso procurar entender que essas gramáticas sociais fazem parte de uma tradição muito rica, oriundas das crenças, costumes, falares, vestimentas e a invenção dos brincares.

**Palavras-chave:** Amazônia Paraense. Infância. Gramáticas Sociais e culturais. Saberes.

## ABSTRACT

Telling about children and childhood in the Amazon, located in Pará - Brazil, is a way to see many cultures, knowledge, and daily experiences in lands and (inter)lands as land-based, land-water, among rivers, roads, beaches, small roads, islands, as well a city daily. Even the land's geographical, historical, and economic features could express the way of living in the social behavior of each place, as children spread in their routines, with water, rivers, beaches, mangroves, and small squares of small cities. The cut considered here is intended to typify and reflect on the knowledge web and its use in daily living, the interaction process, and sociocultural have been building in beach environment, around the water in their lands. The text shows preliminary findings of research ongoing about the social behavior of beaches in the Caeté area. In the methodology, the work uses the qualitative approach, bibliographical research, and empirical data gathering. In a bibliographical way, the research uses three main points: social behavior and cultural; ethnography with children and country children, using authors: Brandão (2015; 2015; 2007), Sarmiento (2004; 2007), Furtado (2003), Kramer (2019), Silva (2005), Soares (2006), Freire (1987), Corrêa (2022), Freitas (2019; 2020), Brasil (2010; 2009; 2008), and others. The results show the social behavior and culture of beach children are related and based on pillars of the cultural identity of the place, their playing, and daily motion (water-playing-bridges-school-beaches). Furthermore, is necessary to understand that social behavior is a part of a rich tradition that comes from beliefs, habits, speakers, way of dressing, and the invention of players.

**Keywords:** Amazon (Pará - Brazil). Childhood. Social and cultural behavior. knowledge.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### ORGANOGRAMAS

ORGANOGRAMA 1 - DESCRITORES DE BUSCA.....	17
ORGANOGRAMA 2 - FOCOS TEMÁTICOS. ....	18

### QUADRO

QUADRO 1 - TRABALHOS DE AUTORES AMAZÔNIDAS.....	19
---	----

### FIGURAS

FIGURA 1 - A VILA. ....	23
FIGURA 2 - VILA DOS PESCADORES.....	23
FIGURA 3 E 4 - MENINOS BRINCANDO DE BOLA NA ESTRADA NO FINAL DE TARDE.....	30

### DESENHOS

DESENHO 1 - O LAR E O BRINCAR DE BONECA.....	31
DESENHO 2 - MEU LAR E BRINCAR NA PRAIA. ....	31
DESENHO 3 - UMA FAMÍLIA.....	32
DESENHO 4 - BONECA POLY. ....	32
DESENHO 5 - CARTOGRAFIA SOCIAL: A CASA E O MAR. ....	36
DESENHO 6 - CARTOGRAFIA SOCIAL: A CASA DE MUITOS ANDARES E UM PAI NO MAR.....	36
DESENHO 7 - CARTOGRAFIA SOCIAL: O APANHAR DE COCO.....	37
DESENHO 8 - CARTOGRAFIA SOCIAL: BANHO NA MARÉ.....	37

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2. PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	13
<b>3. CRIANÇA E INFÂNCIA NA AMAZÔNIA: QUEM ESCREVE E O QUE ESCREVE?</b> .....	15
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	22
4.1 SER CRIANÇA NA VILA DOS PESCADORES .....	22
4.2 PRÁTICAS CULTURAIS DAS CRIANÇAS NA VILA DOS PESCADORES.....	27
4.3 A GRAMÁTICA SOCIAL DO TERRITÓRIO PRAIANO DAS CRIANÇAS NA VILA DOS PESCADORES	33
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	39
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	39
<b>ANEXOS:</b> .....	45
ANEXO 1- TCLE.....	45
ANEXO 2 – TCLE/TALE .....	47
ANEXO 3 – TCLE/TALE.....	49

## 1. INTRODUÇÃO

A *escrevivência*<sup>1</sup> desse texto, busca caracterizar e refletir sobre as redes de saberes e fazeres elaboradas no cotidiano vivido e aos processos de interações socioculturais tecidas no ambiente praiano da Vila dos Pescadores-Bragança/Pa, envolto com as águas que circundam seus espaços.

O interesse em desencadear a *escrevivência* desta monografia, partiu de meu envolvimento com leituras e as pesquisas sobre a criança e a infância, primeiro como voluntária e depois como integrante do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Infância, Educação e Cultura na Amazônia Paraense (NEPIECAP).

Em 2021, o Projeto de Pesquisa *As Gramáticas Sociais de Crianças e suas Infâncias em Territórios de Águas de Regiões da Amazônia Paraense*, foi provado pela CHAMADA UNIVERSAL - CNPq/MCTI/FNDCT N° 18/2021<sup>2</sup>, e passei a integrar como bolsista de iniciação científica no referido projeto.

A partir das leituras realizadas e a realização da pesquisa, meu envolvimento foi mergulhar na temática. Assim, passei a ler variados artigos, reportagens, teses, dissertações e livros que tratassem da temática em tela para aprofundar meus conhecimentos e saber como usá-los na escrita de meus trabalhos e relatórios. Com base nas leituras realizadas em Sarmiento (2004, p. 23 apud MOLLO-BOUVIER, 1998), as culturas das crianças não se reduzem aos elementos linguísticos, antes integram elementos materiais, ritos, artefatos, disposições cerimoniais e também normas e valores.

A riqueza de mitos e artefatos produzidos pelas crianças acrescido da riqueza com que a Amazônia é reconhecida no mundo, como o bioma com a maior biodiversidade do mundo, nela abrigam-se cerca de 10% de todas as espécies de plantas e animais, armazenando 15% da água doce do planeta. Abriga mais de 47 milhões de pessoas, das quais quase, um milhão são pertencentes a 385 povos indígenas, assim como as comunidades tradicionais, ribeirinhas, extrativistas e quilombolas, que nas suas experiências constroem dinâmicas singulares em

---

<sup>1</sup> Empristo este termo da grande escritora Conceição Evaristo, que ao brincar entre as palavras “escrever”, “viver”, “se ver” cunhou a palavra “escrevivência”. Diz Evaristo, “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”. Entrevista para Tayrine Santana/Itaú Social e Alecsandra Zapparoli/Rede Galápagos-São Paulo, em 9 de novembro de 2020.

<sup>2</sup> O Projeto de Pesquisa busca realizar uma caracterização das gramáticas sociais das águas pelas vozes de crianças residentes de territórios ribeirinhos das regiões Xingu, Baixo Tocantins, Caeté e o Marajó, no Pará, na perspectiva de (re)afirmar suas infâncias e suas redes de *saberes/fazeres*, ademais, que possam subsidiar políticas públicas para a infância do campo.

integração com a natureza, conforme discorre o documento da Fundação Amazônia Sustentável (2022).

Nessa região, conforme apontam os estudos do Fundo das Nações Unidas para a infância (UNICEF, 2018, p. 5), em que a população de crianças e adolescentes é mais de 9,1 milhões, distribuídos em 808 municípios de nove estados que compõem a Amazônia Legal, não basta garantir apenas os direitos, é preciso enxergar, “conhecer e entender a região a partir de sua diversidade cultural, social, econômica e ambiental”. Mais que conhecer e entender a região, é preciso o exercício de uma escuta sensível pelas vozes das crianças e dos adolescentes, para saber: “[...] meu modo de viver e sobreviver; conhecer a fundo as coisas nas quais eu creio e às quais me agarro nos momentos de solidão; precisa saber e entender as verdades, pessoas e fatos aos quais eu atribuo forças superiores às minhas e aos quais me entrego quando preciso ir além de mim mesmo” (DIDONET, S/d).

Diante de tais reflexões, tratar de discussões envolvendo a infância na Amazônia, requer trazer à tona seus principais protagonistas, ou seja, as crianças. É preciso conhecer suas infâncias em seus contextos de vida como no ir e vir à escola, no brincar, nos saberes que possuem a partir de suas experiências e vivências no lugar em que se encontram.

Conhecendo esses contextos nos territórios rurais, é possível encontrar uma outra gramática, que não a gramática cultural da língua (que se fala). Uma gramática social do dizer, do viver, do brincar, das águas dos rios, isso porque, essa gramática social, é construída no processo endocultural em permanente aprendizado com sua comunidade, ou no território a qual faz parte. Uma gramática social do dizer, do brincar, que vai passando de crianças para outra criança, no gesto que comunica os combinados do brincar e anuncia quem ganha, quem perde, quem sai, isso porque essa criança que expressa sua gramática social, é uma criança potência, criativa, existente e re-existente, que dribla os desafios da vida, por encontra-se eivada de saberes e culturas de sua ancestralidade cabocla.

Assim, diante das possibilidades investigativas do objeto de estudo proposto neste recorte do projeto pesquisa, tem como objetivos geral: compreender como as crianças do território praiano Vila dos Pescadores-Bragança/Pa, processam as redes de saberes em seu cotidiano. Assim como, os demais processos de interações e relações tecidas no ambiente praiano envolto com as águas que circundam seus espaços na produção de uma gramática social de território praiano, e que o conhecer destas culturas infantis possa acarretar relevância na pesquisa das infâncias da Amazônia Paraense. Cabe indagar sobre algumas questões

norteadoras do processo investigativo: o que as crianças da Vila dos Pescadores sabem/dizem sobre os espaços-tempos da praia e das águas? Que interações são parte do cotidiano das crianças nos espaços da comunidade? Como se desenvolvem os brincades das crianças e suas relações nos espaços e em mediação com a natureza? Esses questionamentos instigaram-me a adentrar no universo praiano caeté amazônico, para desvelar pelas vozes das crianças as regras de sua gramática social do território chamado Vila dos Pescadores.

Desse modo, lança-se mão dessas indagações para propor uma investigação que busque contribuir para a construção de uma gramática social do território praiano da Vila dos Pescadores, na busca de sua consolidação como campo de conhecimento e de constituição de uma Pedagogia da Infância Amazônica.

Neste trabalho apresento as seguintes seções: *Introdução*, na qual apresento algumas reflexões acerca dos territórios rurais da Amazônia paraense e as motivações para realização deste estudo. Em seguida, no *Percurso do caminho metodológico*, descrevo a metodologia utilizada para a construção do *corpus* da pesquisa e alguns apontamentos que decorrem da consideração da criança como participante de pesquisa, alicerçando-se a reflexão na questão da participação.

Na seção *Criança e infância na Amazônia: quem escreve e o que escreve?* Procuo situar os estudos pertinentes que vêm sendo produzidos pelos pesquisadores da região Amazônica e aprofundar a temática em tela das gramáticas sociais e culturais das crianças, considerando os aportes teóricos que dizem respeito a ética na pesquisa com crianças. A seção Resultados e Discussões desdobra-se nos seguintes subitens: *Ser criança na Vila dos Pescadores*, situando o que é ser criança na Vila contextualizando com os estudos acerca da criança e infância buscando compreender a luz dos referenciais teóricos da sociologia da infância; *Práticas culturais das crianças na Vila dos Pescadores*, reflete a luz das vivências e escutas das crianças na construção de suas práticas culturais a partir de seu cotidiano e; *A Gramática Social das crianças da Vila dos Pescadores*, são apresentados os apontamentos resultantes da investigação e por fim, nas *Considerações finais*, destacamos a importância do estudo para o campo teórico das infâncias amazônicas dos territórios rurais paraense e as contribuições deste na minha formação profissional.

## **2. PERCURSO METODOLÓGICO**

Metodologicamente, a investigação de abordagem qualitativa abarca aprofundamento bibliográfico e coleta de dados empíricos. Quanto a pesquisa bibliográfica, o estudo pautou-se

em três eixos: Gramáticas sociais e culturais; Etnografia com crianças; e Criança do campo, mediado pelos seguintes autores: Brandão (2015; 2015; 2007), Sarmiento (2004; 2007; 2008), Furtado (2003), Kramer (2019), Silva (2005), Soares (2006), Corrêa (2022), Freitas (2019; 2020), Toutonge (2018; 2021), Brasil (2010; 2009; 2008), entre outros.

O trabalho advém de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica com trabalho de campo. Para a coleta de dados fez-se uso de instrumentos, tais como: diário de campo, observações, desenhos; fotografias e gravações audiográficas ocorridas por meio de uma oficina e rodas de conversas durante as visitas na comunidade, com a participação de 10 crianças na faixa etária de 5 a 10 anos de idade. A pesquisa qualitativa fornece subsídios essenciais para melhor compreensão da realidade pesquisada. Para Godoy (1995, p. 21) é preciso que o pesquisador vá “a campo buscando ‘captar’ o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes”.

Compreender os fenômenos que cercam o processo social, a relação com a natureza e aspectos culturais das crianças da Vila de Pescadores, é importante e para isso faz-se necessário adentrar no ambiente no qual essas crianças/sujeitos estão inseridas. Como assevera Neto e Furtado (2015, p. 162), “O modo de vida na beira do rio também traduz, então, essa profunda articulação com a natureza, sendo a água o elemento essencial da cultura dessas populações ribeirinhas”. Portanto, este estudo focaliza a relação da criança com a natureza em circularidade de saberes e mobilidades nos espaços sociais do território praiano Caeté.

Para assegurar a ética na pesquisa com crianças, os Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foram assinados por seus responsáveis, sendo também elaborado um TALE<sup>3</sup> direcionado as crianças de 4 a 6 anos e de 7 a 10 anos, assegurando-nos a permissão para uso de imagens, falas e publicações. Esses cuidados éticos na pesquisa, conforme sinaliza Kramer e Pena (Apud BUBER, 2003), traduz-se por ações concretas orientadas pelo reconhecimento do outro, o que implica engajamento responsável do pesquisador, ato ético singular e irrepetível. Dar voz ao outro, requer acolhimento, “coerência entre o discurso e a prática, escuta que tira o sujeito do anonimato, traz legitimidade e dá visibilidade às suas narrativas. dando-lhe legitimidade e visibilidades às suas narrativas” (KRAMER; PENA, 2019, p. 73).

---

<sup>3</sup> A pesquisa passou pelo Comitê de Ética, os TCLS/TALE foram avaliados pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (Parecer Consubstanciado CEP 6201408), dentro do Projeto de Pesquisa aprovado pelo CNPq – Brasil..

A Vila dos Pescadores localiza-se a 33 km da sede da cidade de Bragança-Pa, fazendo parte da Resex Extrativista da Marinha para preservação de sua fauna e flora, patrimônios da região do Caeté<sup>4</sup>. Esta vila ocupa um espaço cercado por águas do mar e estradas de areia, em que os barcos de pesca se encontram a vista, tendo uma igreja católica que tem como santo padroeiro São Pedro. Na vila não há escola, as crianças e suas mães se deslocam a pé ou de bicicleta até a Vila do Bonifácio, onde se encontra a única escola que atende as populações dessas duas comunidades. A situação socioeconômica das famílias baseia-se, em sua maioria, na venda de pescados ou dos programas federais, como o Bolsa Família. As casas em estilo palafita, diz muito da realidade em que estão imersas as crianças e adolescentes. O lazer se reduz sobretudo a banhos de mar, brincadeiras na areia, estrada ou quintal.

Tomados por esses olhares, sentimentos e acolhimentos, adentramos na vila. O processo de escuta, entrevistas e rodas de conversas foram sendo organizados a medida em que ganhávamos a confiança das crianças e de seus pais, e de alguns comunitários com os quais conversamos para maior conhecimento da realidade dessa vila. Decidimos focalizar em três categorias, de cunho teórico e empírico, interrelacionados: a) Ser criança na Vila dos Pescadores; b) Práticas culturais das crianças na Vila dos Pescadores; e c) A gramática social do território praiano das crianças na Vila dos Pescadores. Temas que foram construídos acerca do foco da pesquisa em questão, a criança como protagonista em dizer sobre seu lugar e a construção de seus saberes e fazeres como sujeitos socioculturais.

### **3. CRIANÇA E INFÂNCIA NA AMAZÔNIA: QUEM ESCREVE E O QUE ESCREVE?**

Neste item, apresentaremos um breve mapeamento das produções que destacam as crianças e infâncias dos territórios amazônicos. Percebe-se que temáticas da infância amazônica têm sido pouco exploradas, seja nos programas de pós-graduação em educação, seja na circularidade de artigos em revistas e periódicos em rede nacional. Há uma invisibilidade dos autores amazônicos neste cenário, para entendê-los “...é preciso trazer à superfície seus contextos” (FREITAS, 2020, p. 17).

Primeiro, é importante o entendimento de que a cartografia social amazônica contempla uma diversidade e uma pluralidade de sujeitos e de espaços e, portanto, são múltiplos os tempos da infância e criança, coexistindo com realidades e com representações diversas.

---

<sup>4</sup> Região banhada pelo Rio Caeté na zona costeira, onde a atividade econômica pesqueira é fortemente presente. Possuindo festividades regionais socioculturais como a Marujada de São Benedito, Festival Junino, Círio de Nossa Senhora de Nazaré, entre outros.

Segundo, há necessidade de se compreender que “crianças e infância, são coletivos interconectados com seus contextos, com as culturas, com suas histórias, com seus saberes” (FREITAS; TUVERI, 2021, p. 13).

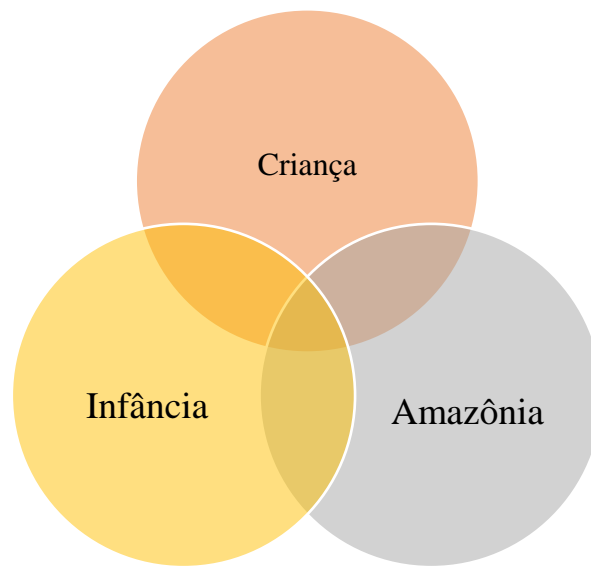
Se antes a criança era estudada pelo que lhe faltava na visão dos adultos, a partir dos estudos multidisciplinares, entre os quais destaca-se a Sociologia da Infância, a Antropologia, História da Infância e outras, em conformidade com estes estudos, a criança passa ser vista a partir de suas culturas e da compreensão de seus modos de pensar e viver. Sarmento (2008; 2004) em seus estudos traz a relevância no campo da Sociologia da Infância, buscando rever a condições de invisibilidade das crianças como atores sociais. Para mais, segundo o autor “as crianças realizam processos de significações e estabelecem modos de monitorização da acção que são específicos e genuínos”. Neste estudo, a discussão da criança como sujeito social é essencial na construção de sua gramática social, essa que advém dos significados socioculturais construindo em suas experiências e vivências na sua comunidade. Sarmento e Pinto (1997, p. 20), abordam que é preciso olhar as crianças como atores sociais que possuem plenos direitos, e não apenas como meros componentes da sociedade dos adultos, as crianças constrói representações e crenças em sistemas organizados, ou seja, culturas.

Diante de tal compreensão, muitos estudos vêm dando visibilidade às crianças e as infâncias em seus contextos de convivência ao longo das últimas décadas, com algumas pesquisas sendo voltadas para a Amazônia, na qual elas passam a ter notoriedade no cenário educacional brasileiro, ganhando destaques nas produções acadêmicas, seja pelas amplas discussões suscitadas por pesquisadores, juristas, psicólogos, professores, entre outros atores, seja, a partir do novo ordenamento legal vigente no país, onde se destaca, a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96. São conquistas significativas, que despertaram um novo olhar para as realidades dos territórios rurais, onde se encontram grande parte das crianças brasileiras, culminando com a mobilização nacional em prol do novo paradigma da Educação do Campo.

Este novo paradigma, fez florescer, um amplo debate sobre/com os sujeitos do campo, e a partir de então diversas pesquisas estão sendo desencadeadas nos programas de pós-graduação brasileira e, de modo mais específico, programas de Educação. Dentre o foco desses estudos, estão as crianças e as infâncias na/da Amazônia, ganhando visibilidade, despertando os mais diversos interesses para falar, escrever e refletir sobre as realidades em que se encontram nestes rincões amazônicos do nosso país.

Assim, dando início ao ciclo de estudos e buscas de materiais que subsidiassem minhas leituras, fiz, no período de sete meses, de janeiro a outubro de 2022, a exaustiva busca de produções da mesma natureza deste texto, ou seja, cotejei dissertações de mestrado, teses de doutorado, capítulos de livros e artigos em periódicos em que socializassem produções que se propuseram a realizar e produzir conhecimento sobre a temática em tela. Valendo-se de trabalhos de Alcântara (2022), que realizou pesquisa próxima a que estávamos realizando, busquei utilizar os seguintes descritores: infância-criança-Amazônia.

**Organograma 1 -** Descritores de busca.



**Fonte:** Elaboração de Murilo Matos de Alcântara- Bolsista PIBIC. 2021 - 2022. *In:* ALCÂNTARA, 2023.

Nessas buscas, verificamos um número muito pequeno de produções acadêmicas que tratam da temática foco desta pesquisa, de modo que, assim como Alcântara (2022-2023), identificamos seis focos temáticos em que os pesquisadores concentram suas produções, conforme o organograma abaixo:

**Organograma 2 - Focos temáticos.**

**Fonte:** Elaboração de Murilo Matos de Alcântara- Bolsista PIBIC. 2021 - 2022. *In:* ALCÂNTARA, 2023.

Verifica-se por este organograma, um mosaico de conhecimento muito rico sobre a pluralidade da criança e infância na Amazônia Paraense. Riqueza expressa principalmente de cultura, saberes, fazeres e experiências diversas, concretizando-se “a infância e a criança como ator social pleno” (SARMENTO, 2005, p. 362). A constituição, deste campo teórico, só é possível, pelos esforços de pesquisadores comprometidos em desenvolver um campo empírico, como o de construir um conhecimento teórico ancorados em estudos multidisciplinares, como exemplo, a sociologia da Infância.

Assim, destacamos a seguir cinco trabalhos de autores amazônidas que revelam em seus estudos os territórios pesquisados e os grupos de crianças com as quais desenvolveram suas investigações.

**Quadro 1** - Trabalhos de autores amazônidas.

AUTOR	TÍTULO	GÊNERO	ANO DE PUBLICAÇÃO
FREITAS, Maria Natalina Mendes; TUVERI, Ana Célia da Silva.	Infâncias e Crianças da Amazônia Paraense.	Capítulo de livro	2021
OLIVEIRA, Ana Paula Lima Carvalho de.; SILVA, Iolete Ribeiro da; PRINTES, Jocicléia Souza	Entre a escola e o rio: vivências e desafios da educação infantil ribeirinha.	Artigo científico de revista	2022
TOUTONGE, Eliana Campos Pojo; ALVES, Eliene da Silva.	Brincades nas Águas.	Capítulo de livro	2021
TOUTONGE, Eliana Campos Pojo; FREITAS, Maria Natalina Mendes.	As crianças e a natureza em contextos rurais amazônicos.	Artigo científico de revista	2022
TRINDADE, Marileia Pereira.	Representações Sociais Sobre Crianças e Infâncias em Teses e Dissertações da Amazônia.	Tese (Doutorado em Educação)	2019

**Fonte:** Elaborado pela autora, 2023.

As autoras Freitas e Tuveri (2021), no livro **Água na Amazônia Paraense: Território educativo de crianças**, sessão 1, procuram situar as infâncias e as crianças não somente com um olhar crítico de pesquisadoras, mas, abordá-las com suas próprias experiências e andanças vivenciadas por uma das autoras de "vida infantil caboclas". Em que nos diferentes cenários amazônicos as infâncias são constituídas com suas culturas e modos de viver na "beira" do rio. As autoras refletem a relação da criança com a natureza e sua influência em seus brincades, assim é “no contato com a natureza - águas e rios, matas, terra e animais - que as crianças criam gostosas brincadeiras, dão boas gargalhadas e nos convidam a ficar de bubuia” (FREITAS; TUVERI, 2021, p. 11).

As crianças e infâncias na região amazônica são refletidas por Freitas e Tuveri (2021) através da linguagem cultural do termo "De bubuia"<sup>5</sup> e “territórios das águas”, em que as crianças possam dar significado a uma sociologia da infância na Amazônia paraense com

<sup>5</sup> Termo reafirmado a partir dos estudos de Pojo (2020) do sujeito caboclo amazônico, que significar o ato de “bubuiar” ou boiar, de descansar e flutuar em meio as águas dos rios e marés.

práticas culturais e educativas em meio as águas, onde, se faz importante trazer suas vozes para construção de uma educação significativa. Ademais:

Envolver os sujeitos em suas aprendizagens, é permitir maior construção e decisão no que devem aprender a partir de suas vivências, uma vez que a construção de um currículo pautado nos interesses e nas necessidades infantis exige que as professoras conheçam as crianças com as quais trabalham em suas variadas dimensões (FREITAS; TUVÉRI, 2021, p.21).

Em artigo publicado na *Revista Exitus*, Oliveira; Silva e Printes (2022), discorrem em seu resumo que “carregam os olhares e as escutas de encontros vividos em uma escola ribeirinha na comunidade Esperança, localizada no igarapé do Tiú, rio Tarumã Açu, afluente esquerdo do rio Negro, na cidade de Manaus-AM”. A investigação aponta para a “necessidade de pensar a pesquisa com o compromisso de narrar essas vozes e assegurar que elas serão ouvidas em sua inteireza”.

Conhecer a realidade social, cultural, ambiental e econômica das crianças residentes em territórios rurais banhados pelas águas, é um grande desafio como sinaliza a escrita das autoras:

o movimento das águas é um fator de grande importância para a organização da escola ribeirinha. Cheias e vazantes são os fatores que incidem desde o calendário escolar, diferente das escolas da zona urbana. Na DDZ Rural nas escolas do rio Negro, o ano letivo inicia em janeiro e finaliza em outubro (conforme o movimento da cheia e vazante, pode haver alterações), época que a vazante chega nos níveis mais críticos, dificultando o acesso a muitas localidades (OLIVEIRA; SILVA; PRINTE, 2022, p. 16).

Diante desse registro, é impossível idealizar a escola ribeirinha sem conhecê-la em suas reais condições. Mas as limitações impostas em muitas situações não tiram a grandeza de quem vive isolado dos grandes centros, muito pelo contrário, nos ensinam para pensar uma escola incluyente que considere “a potência de cada criança como capaz de se humanizar nas condições de vida e cultura que estão inseridas, valorizando suas aprendizagens coletivas e ampliando suas referências acerca do mundo” (OLIVEIRA; SILVA; PRINTE, 2022, p. 22).

No artigo *Brincares nas Águas*, Toutonge e Alves (2021) ponderam os diferentes brincares em meio as águas amazônicas, assim como os brincares passados através de gerações. Esses que influenciam nos processos formativos do sujeito, proporcionando momentos de conhecimento de si, do outro e do mundo que o cerca. Em que:

O brincar assume caráter social e educativo na medida que é fator potencializador da formação humana, no sentido da personalidade dos indivíduos, no estímulo da liderança, da confiança, claro que a depender do sentido interno da pessoa para com esta ou aquela brincadeira (TOUTONGE; ALVES, 2021, p. 48).

Esses brincaretes são concebidos por diferentes espaço-tempos, em que o imaginário se faz presente na cultura infantil, principalmente nas águas. Em vista disso, as autoras exprimem que as crianças “alteram o brincar conforme o tempo, pois, se estiver chovendo, por exemplo, podem escolher brincar de jogar futebol, tomar banho de chuva [...] Além disso, levam em conta a influência do rio com suas enchentes e vazantes” (TOUTONGE; ALVES, 2021, p. 50).

Toutonge e Freitas (2022), no artigo, *As Crianças e a Natureza em Contextos Rurais Amazônicos*, em notas introdutórias de seu resumo, apontam que o estudo contextualiza o convívio das crianças com a natureza amazônica em seus contextos rurais a partir de uma pesquisa realizada na cidade de Abaetetuba-PA. As autoras, sustentam “a ideia de que as crianças são seres relacionais e que se constituem em conexão com outros seres e que potencializam atividades e ações neste estado de conexão”.

A tese de Trindade (2019) efetua um estudo em teses e dissertações de programas de pós-graduação em educação no Norte do Brasil, o qual aborda as representações sociais das crianças e suas infâncias. Refletindo, primeiramente, a importância de a universidade ser um espaço de "encontros, de interações, comunicações, de interesses humanos" (TRINDADE, 2019, p.34) para a construção e busca de novos conhecimentos acerca de nossas crianças e suas infâncias na região Norte. No decorrer de sua pesquisa foram selecionadas 22 produções, sendo 2 teses e 20 dissertações, logo:

[...] percebemos que ainda é mínima a quantidade de teses e dissertações que investigam crianças. Esse, portanto, é um campo em constituição na Amazônia, onde certamente existe muitas possibilidades de construção de conhecimentos, a exemplo das metodologias de pesquisa com crianças e das especificidades das crianças amazônicas (TRINDADE, 2019, p.57).

A autora aponta que nos estudos são atribuídos significados às crianças e infâncias, essas que não se encerram, porque a infância de acordo com a autora nos "escapa" por estar em constante modificação. Deste modo:

As representações sociais estão em contínua formação e transformação no mundo social, em íntima relação com os lugares em que são gerados. Destarte, as representações sociais sobre crianças e infâncias são formadas a partir de múltiplos contextos de referências e por isso são diversas (TRINDADE, 2019, p.109).

Os estudos que têm como foco as crianças e infâncias em território amazônica movem diversas discussões que precisam ganhar notoriedade. Há autores de nossa região amazônica que sentem a necessidade de revelar as singularidades de ser criança amazônica em meio as águas, a terra e a floresta. O campo de pesquisa floresceu originando um amplo trabalho, publicações em revistas científicas e periódicos nacionais, teses e dissertações em cursos de

pós-graduação. O passo seguinte, é dar a continuidade de estudos e pesquisas para aprofundar os referenciais teóricos que embasam os estudos das crianças e infâncias da Amazônia, desvelando caminhos epistemológicos condizentes com a realidade dos territórios rurais, em que as crianças, tem tanto a nos dizer sobre suas vivências e experiências no espaço-tempo em que se encontram.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

##### **4.1 Ser criança na Vila dos Pescadores**

As crianças nas comunidades são indivíduos ativos, ávidas por aprender e se movimentam nos diversos espaços, entre estes os espaços educativos. Estar na escola, para muitas crianças, significa continuar seus processos de vida, isto é, desejam seguir com sua gramática infantil de convivência e produção de conhecimento.

Dependendo do território em que residem, os sujeitos são múltiplos, vivem, expressam saberes e produzem culturas múltiplas. Assim, as crianças habitantes desses contextos, carregam uma bagagem cultural diversa e conhecimentos plurais advindos da especificidade de cada lugar. Daí, que “Precisamos compreender que criança e infância são coletivas interconectados com seus contextos, com as culturas, com suas histórias, com seus saberes” (FREITAS; TUVÉRI, 2020, p. 13).

Desse modo, conhecer o meio em que as crianças vivem suas infâncias se faz importante para poder compreender seu olhar e o papel que ocupam em seus espaços de convivência. Conforme Sarmiento (2018, p.64):

[...] as crianças não podem ser entendidas apenas como sujeitos que agem e reagem em função dos processos de socialização vertical promovidos pelos adultos, mas também como sujeitos que se socializam entre si e que reconstróem significações para as situações de vida em que vivem.

Nesse direcionamento apontado pelo autor, fomos nos movendo na assertiva de compreender o contexto das vidas criancieiras que existem na Vila dos Pescadores. Esta vila faz parte do município de Bragança, distante a 33 quilômetros, região do Caeté, banhada por águas salgadas do mar e uma exuberância praiana sem igual, como podemos ver por meio das imagens abaixo do local.

Figura 1 - A vila.



Figura 2 - Vila dos Pescadores.



Fonte: Arquivos da autora, 2023.

Então, para compreender o contexto de vivências das crianças na Vila dos Pescadores, o primeiro passo foi realizar uma visita, para observar, perceber, conhecer e analisar o lugar, assim como também estabelecer contato com os moradores, tarefa necessária antes de qualquer ação a ser desenvolvida,

[...] o trabalho de campo é uma vivência, ou seja, mais do que um puro ato científico, como talvez pudesse ser um trabalho de laboratório, no caso de um psicólogo experimental, ou a pesquisa de gabinete de um economista. [...] é uma vivência, ou seja, é um estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento, que diferentes categorias de pessoas fazem, realizam (BRANDÃO, 2007, p. 12).

Com base nisso, percebe-se que há uma necessidade de se estabelecer uma relação com as pessoas da comunidade, visto que esta relação tem uma dimensão social e afetiva que forma vínculos entre os indivíduos. As infâncias que compõe a Amazônia Paraense da região Caeté, são compostas por vivências de experiências que constroem a partir dos saberes/fazeres entre adultos pescadores, mães domésticas e as próprias crianças. Toutonge (2018, p. 36) enfatiza que neste “vasto contexto amazônico, o Pará é o segundo Estado em extensão territorial, em que a floresta ou a *mata*, situa-se por um contexto de gentes, de paisagens, de saberes-fazeres, de memórias e muitas histórias”

Ao caminhar pela vila, paramos às “margens” da praia e fomos nos reunir junto aos moradores que se encontravam à vista perto dos barcos, então nos aproximamos e iniciamos uma conversa com alguns residentes do local, os quais relataram suas origens, trabalhos que desempenham para sustentar sua família e algumas adversidades que enfrentam como moradores da comunidade. Diante disso, é relevante citar que esses problemas enfrentados se

relacionam com a educação, saúde, trabalho e acesso à água, que influenciam fortemente no seu modo de vida. Logo, para melhor compreendermos a vida cotidiana de um povo, faz-se necessário ir até eles, como escreve o Val Milhomem e Joãozinho Gomes... “Quem nunca viu o Amazonas. Nunca vai entender a vida de um povo”.

Sendo estes fatores que afetam não apenas o modo de vida dos adultos, mas de seus filhos e netos. Para muitas crianças, começa bem cedo o enfrentamento com as adversidades da vida, como observa de seu barco um pescador, *“sobre a escola aqui as crianças devem ir acompanhadas das mães, a coordenação manda por causa do caminho né! E tem que passar na ponte. Quando é época de cheia a água cobre tudo isso aqui até na ponte, eles vão por dentro da água mesmo, levam garrafas de água para lavar as pernas e o sujo de seu corpo”* (PESCADOR B, 2023).

Num contexto tão adverso, o que é ser criança na vila dos Pescadores? Daí a necessidade de ouvir as crianças por serem estas as principais protagonistas desta pesquisa. É preciso conhecê-las através dos seus olhos, da escuta sensível de suas vozes, deixando espaço para seus registros e não tentar falar por elas. Uma vez que:

[...] a maneira como as pessoas das comunidades populares vivem o seu cotidiano e o avaliam, tem sido limitado quase sempre ao ponto de vista dos adultos. Pessoas adultas conversam sobretudo a respeito do mundo delas: dos adultos-norma. E conversam também sobre crianças, e pensam entre elas como as crianças são, como vivem, como interagem, como sentem, como pensam e, portanto, qual deveria ser a melhor educação para “elas” (BRANDÃO, 2015, p. 113).

Para iniciar nosso diálogo com as crianças, realizamos uma roda de conversa com elas em uma das casas de uma moradora da vila, que cedeu o espaço de sua casa, para a realização da atividade. Inicialmente, foram seis crianças, um menino de 6 anos e cinco meninas com idade de 4 a 10 anos. A atividade consistiu em desenharem a vila a partir do que viam e sentiam em relação ao viver na comunidade e depois nos contar sobre o que desenharam. Esse é o recorte que trazemos para este texto.

Em nossa Amazônia paraense os saberes das crianças em relação ao lugar que moram, a escola e o brincar são distintos por apresentarem a construção de conhecimentos incomuns entre si. As infâncias das crianças na Vila dos Pescadores são cercadas pelas águas do mar que influenciam em seus saberes. "Os saberes das águas constituem-se um conjunto de simbolismos, de valores e de práticas cotidianas de uma territorialidade e temporalidade das águas, por habitantes que vivem nesse contexto" (TOUTONGE; FREITAS, 2021, p. 69), para mais, as crianças apresentam idades entre 5 a 10 anos, filhos de pescadores(as), as mães

exercem outras ocupações, como contratadas pela Prefeitura Municipal e donas de casa, recebendo também auxílio do governo como o CadÚnico. Para ter acesso à educação as crianças precisam se deslocar para a única escola na região que fica localizada na Vila do Bonifácio, a qual oferta da 1ª série ao quinto ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Ademais, a infância das crianças praianas apresenta suas próprias singularidades, seu contexto de vida em meio a maré detém suas especificidades do convívio com seus pares e com a natureza. Segundo Freitas e Tuveri (2021, p. 21):

Conhecer a criança e suas especificidades exige um olhar atento, uma "escuta sensível em mediação com a prática cotidiana rural como forma de garantir um trabalho pedagógico contextualizado. As crianças participam ativamente em todas as atividades de sua comunidade, constroem e produzem saberes e culturas...

As crianças dizem sobre seu lugar, mesmo tendo de enfrentar desafios, a praia faz parte de seu cotidiano como percebemos em suas vozes *“a vila é bacana pra morar, a gente pode ir tomar banho na praia e brincar as vezes lá”* (GABRIELA, 10 anos).

A água salgada e o conviver com a maré é um dos motivos que levam as crianças a quererem ter uma infância na vila, *“gosto daqui por que posso tomar banho na praia, mas só quando vai mais gente, é perigoso ir sozinha”* (LUANE, 10 anos). Falam do lugar com carinho, com sorrisos no rosto, com a alegria de poder dizer que são crianças da praia, por que neste lugar em meio as águas e areias encontram suas famílias, sua cultura, seu prazer de correrem livre e seus amigos, *“gosto de morar aqui por que tem tudo de bom! Todas a minhas amigas estão aqui”* (DALILA, 8 anos). Apesar da vila apresentar suas dificuldades, as crianças, em seus diálogos, expuseram carinho ao seu território falando do mar e de suas marés, da areia, de suas casas de palafitas, de seus brincares, dos amigos e de sua escola, mesmo que se encontre longe. Segundo Mota (2016, p.45):

Sua percepção de vida na Amazônia é construída pelas influências de todos os aspectos que a região lhes proporciona, estabelecem relações sociais com os adultos e com as demais crianças, assim como com a fauna e a flora, com as culturas, com os recursos naturais, minerais, com os objetos a sua volta que vão definindo modos peculiares de viver a infância.

A infância no cenário Amazônico consiste em estarem rodeadas por águas que condizem com seus ensinamentos e formas de serem quem são. As crianças na Vila dos Pescadores (re)significam seus brincares e não é certo falar de infância sem citar a melhor parte de ser criança, que seria poder ser livre para correr, pular, jogar bola e imaginar. Afinal, *“sabemos que o brinquedo e o brincar são vistos enquanto movimento de libertação da criança,*

na medida em que possibilitam por esse fazer e instrumento reinventar seu mundo, ao mesmo tempo, que constrói e reproduz uma vida social” (TOUTONGE, 2018, p. 48-49).

Nesta perspectiva, como brincar na vila? O brincar na vila, pode acontecer em frente da casa, na casa dos primos, com os amigos mais próximos, nos quintais, ou na maré da praia. Esta última às vezes pode ser perigosa, como as crianças relataram, então só podem ir acompanhadas de algum responsável porque muitas não sabem nadar muito bem e a maré pode carregá-las para o alto mar. Como elas dizem, seu território “tem tudo de bom!”, e é notório que na vila são livres para ser criança. Contudo, ser criança e ter uma infância na Vila dos Pescadores na região do Caeté não se resume apenas ao brincar, a pesca está presente no cotidiano de todos por ser a principal atividade de subsistência das famílias, onde a maioria sendo filho de pescador entende a importância do trabalho desde cedo, no qual os meninos, apesar de terem pouca idade na vida de pescador, no momento parece um caminho a seguir. À vista disso, no diálogo ocorrido em campo veio a seguinte conversa:

*Pesquisadora: “Olá crianças, estou fazendo um trabalho na vila de vocês [...] Podem me dizer até onde vai esse caminho?”*

*Crianças (10 e 9 anos): “Vai embora aí pra dentro, tem muita casa ainda!”*

*Pesquisadora: “Por acaso vocês são parentes? Se parecem um pouco.”*

*Crianças (10 e 9 anos): “somos irmãos, mas não da mesma mãe, temos mais cinco irmãos também divididos”*

*Pesquisadora: “E seus pais trabalham de quê?”*

*Crianças (10 e 9 anos): “o nosso pai trabalha como pescador, ele tem um barco dele!”*

*Pesquisadora: “Que legal! e o que vocês acham sobre a pesca?”*

*Crianças (10 e 9 anos): “Ha é muito legal ir pescar no mar [...] É bom demais ir no barco, eu quero ser pescador também” (DIÁRIO DE CAMPO, 2023).*

Uma infância em meio a essas águas praianas acarreta experiências que amadurecem essas crianças ainda muito novas, o trabalho de pescador para os meninos é uma solução para ajudar suas famílias, alguns acompanham seus pais nas pequenas pescas quando já começam a compreender o manuseio do barco e da rede. Deste modo, Freitas e Tuveri (2021. p. 19-20) nos faz refletir:

A vida de muitas meninas e meninos na Amazônia tem sido marcada pelo trabalho infantil, pela violência e pela exploração sexual, maus tratos intrafamiliar e casos de extrema pobreza, o que exige deles e delas acordarem cedo para ir trabalhar antes de ir à escola ou depois dela [...]

Trabalho e infância se entrelaçam, seus conhecimentos sobre a maré não servem apenas para tomarem banho na beira da praia com seus amigos, mas como um saber que caso a necessidade surja trará subsistência para sua família.

Seus pais igualmente foram e são também filhos de pescadores, a geração de alguns se iniciou desde a origem da comunidade, como os pais refletem sobre sua trajetória de vida, *“moro na vila desde que me entendo por gente[...] meu avô era pescador como meu pai também, não estudei por que na época era mais difícil que agora e arranjei família cedo, então tive que me virar e ir pro mar pescar, era o que dava dinheiro”* (PESCADOR M, 2023).

Nossa Amazônia paraense é vasta de histórias de crianças e suas infâncias que anseiam realizar seus sonhos, procurando uma maneira de segui-los apesar das dificuldades. Mas no momento desejam somente ser criança, o que significa ir para a escola sendo um lugar que as cativa, a *“escola necessita ser um ambiente de indagação, favorecendo meios para que o sujeito faça suas descobertas, relacione conteúdos sistematicamente elaborados ao cotidiano vivido”* (PEREIRA et al., 2021, p.7), assim, as crianças caminham sob sol e chuva ou até mesmo por dentro da água, e dizem *“há eu gosto da escola, eu já sei ler e escrever”* (AGATHA, 10 anos), e entendem que futuramente precisarão fazer mudanças para buscarem seus sonhos, *“a escola aqui é legal, quando eu acabar se não tiver ensino médio aqui vou estudar pra Bragança mesmo, é o jeito!”* (LUANE, 10 anos).

Conforme os relatos, esses sujeitos dispõem de conhecimentos fundamentais sobre esses fatores, e estão em constante transformação à medida que crescem. O brincar nesse ser criança, vem como forma de reinvenção, do imaginar e querer criar o seu mundo ao seu modo, se adaptam e principalmente se divertem, como veremos adiante.

Deste modo, não se pode definir apenas uma infância direcionando aos contextos de nossa Amazônia, devido as múltiplas infâncias que encontramos rodeadas por diferentes lutas, culturas, conhecimentos e realidades sociais. Mas que agregam um relacionamento de apego com seu lugar, que detém uma preponderância sobre sua formação como sujeito, seja, na forma de ver o mundo, no convívio familiar, na sua educação, no seu brincar e na sua cultura enquanto sujeitos com suas próprias experiências.

#### **4.2 Práticas culturais das crianças na Vila dos Pescadores**

Em meio a aproximação com as crianças se percebe que o espaço interfere no seu modo de ser enquanto sujeitos dotados de conhecimentos a partir de suas vivências. Ademais,

nosso território Caeté é predominado por águas que contém histórias e significados que originam comunidades.

Na Vila dos Pescadores as infâncias se ressignificam de acordo com sua realidade. As interações com o lugar, adultos e com pares formam sua identidade, culturas e reinventam brincades. As crianças acabam por desenvolver práticas culturais em seus brincades tradicionais e reinventados no cotidiano. Brandão e Brito (2018, p. 123) destacam que:

Ao observar a realização de um jogo, é possível perceber que a criança exterioriza suas vivências, os acontecimentos que fazem parte de sua rotina e isso é um fator preponderante em todas as culturas, destacando a cultura lúdica da população ribeirinha, onde essas experiências cotidianas são fortemente representadas em seus jogos, brinquedos e brincadeiras.

O viver pode acontecer em qualquer território, contudo, cada território tem seus próprios saberes, culturas, experiências. Abordar essa questão é importante, uma vez que cada adulto foi criança um dia, passou pelo processo de conhecer o seu lugar, as pessoas ao seu redor, que na escola descobriu novos amigos e novos saberes, mas que em si carrega os traços identitários de sua comunidade. Desse modo, as crianças da Vila dos Pescadores, ajudam-nos repensar nossos conhecimentos sobre a praia e o cotidiano que se vive ali. Viver, residir e existir neste território, nem sempre significa ter vida fácil, muito pelo contrário, os desafios são gigantes, mas que não desistem de seus sonhos. “O saber do lugar traduz formas culturais expressas por meio da linguagem, da oralidade, do desenho, de gestos, todo conhecimento e sabedoria que crianças aprendem desde a mais tenra idade” (TOUTONGE, 2021, p.35).

Apesar de viverem perto do mar, poucas vezes podem tomar banho na maré, formam grupos com pelo menos um adulto, para ficar cuidando de todos. Os banhos acontecem mais nos finais de semana pela tarde, explicam a partir de seu conhecimento, logo, dizem “*a gente pode ir tomar banho na praia e brincar as vezes lá, mas tem que ir acompanhado por que é perigoso. Às vezes eu e minha amiga brincamos de vôlei, pegamos uma rede velha e estica pra separar*” (Gabriela, 10 anos). Esse banho não ocorre necessariamente na maré, mas na “batida”, de acordo com as crianças é quando a maré seca ficando com ondas menos fortes sem risco caso fiquem no raso.

O uso do termo “batida”, até então desconhecido, se torna um saber cultural da vila, como também por exemplo os apelidos criados que cada adulto ou criança possui e são conhecidos por todos, “*aqui ninguém se conhece pelo nome, só pelo apelido. Se você perguntar pelo João, ninguém sabe, mas se disser Joca, aí bem...*” (PESCADOR M, 2023). Ademais, as

palavras possuem significados construídos por gerações, seja no brincar, durante uma pesca, em companhia de seus pais. Pereira (2013, p.40) reflete:

homem vive num mundo cheio de significados, em que criam e superam a herança herdada de seus antepassados. Para tanto, o cultivo desses elementos são fundamentais para preservação de uma cultura. Deste modo, a linguagem e as habilidades de criar se tornam importantes elementos para a preservação e transmissão da cultura. As culturas de um povo permanecem vivas mesmo com a morte dos indivíduos, e posteriormente transformadas tendo uma nova interpretação, porém com a mesma essência.

As práticas culturais das crianças da vila, entrelaçam-se desde o tecer da rede de pesca, a construção do tipo de barco quando parte para o mar. Além de brincarem na “batida” as crianças possuem brincares tradicionais, alguns conhecidos de nossa infância, “*brinco de pular corda, jogar bola, pira pega e de taco-bol*” (JOICIANE, 10 anos). As crianças se unem para realizar seus brincares com os amigos, seja na estrada ou em suas casas “*vou brincar na casa dos meus amigos as vezes as 16 h da tarde e saio de lá as 18:00 h. A gente brinca de taco, pira se esconde, sete pecados, jogar bola e queimada*” (LUANE, 10 anos). Na observação em meio as atividades e conversas as meninas gostam bastante de brincar de vôlei, em que a arena de jogo é a frente da casa ou quintal e a rede é uma rede de pescador velha de seus pais, as vezes com apenas duas jogadoras fazem sua diversão. Conforme Toutonge e Alves (2021, p. 48):

[...] os brincares estão diretamente relacionados a fatores socioambientais e socioculturais. Assim, quando uma criança que reside na margem do rio utiliza-se das águas como meio e com instrumento de diversão, e pratica brincadeiras nesses espaços, a criação do brincar é influenciada por suas dinâmicas, seus pares, seus tempos e seus atos. Ocorre que os brincares sempre se transformam e se adequam, como qualquer expressão cultural.

Na brincadeira dos “sete pecados” acontece da seguinte maneira: inicialmente se “joga uma bola e na direção que está cair a criança vai ter que pegar e correr atrás das outras e se ela não ‘matar’ ninguém comete os sete pecados e leva bolada dos outros” (LUANE, 10 anos), explicam animadas como gostam de brincar na vila com seus amigos e de correr livre, o que podemos notar ao andar pela estrada, como os meninos que não deixam a bola de lado, “*brinco muito por aí, gosto muito de brincar de bola*” (MIKAEL, 5 anos).

**Figura 3 e 4** - Meninos brincando de bola na estrada no final de tarde.



**Fonte:** Arquivos da autora, 2023.

Os meninos nas imagens acima brincam divertidamente de bola no meio da estrada no final da tarde depois de uma “leve” chuva, correm e até caem, mas se levantam e continuam a jogar. Em seu time de três crianças o objetivo é chutar a bola, quando a pesquisadora se aproxima e conversa sobre seu brincar, esses pedem para se prepararem para uma foto, pois, queriam mostrar seu talento para tal esporte. Ademais, o brincar é algo reconstruído conforme seu ambiente, com hora certa para diversão quando se permitem o momento.

Para compreender esse mundo da cultura dos brincares realizada na oficina de desenhos, as crianças relataram suas brincadeiras, trazendo elementos de sua vida cotidiana na vila, como suas casas, praia, céu e o sol, explicando seus detalhes da natureza e a si mesmo enquanto sujeitos protagonistas. Sobre este processo realizado pelas crianças entendemos, conforme Mota (2016, p. 25):

A infância precisa ser compreendida como uma construção social, portanto, não constitui uma característica natural ou universal das sociedades e grupos culturais, mas um componente específico estrutural e cultural de vários grupos humanos. As crianças devem ser vistas como ativas na construção de suas realidades socioculturais.

Então expomos os materiais construídos por essas crianças em suas realidades socioculturais, como pode ser visto, nas imagens abaixo:

**Desenho 1** - O lar e o brincar de boneca.



“Essa é minha casa e eu brincando lá fora de boneca” (AGATA, 10 anos).

Fonte: Arquivos da autora, 2023.

**Desenho 2** - Meu lar e brincar na praia.



“Desenhei minha casa, o sol e nuvens. E aqui sou eu também brincando na praia” (DALILA, 8 anos).

Fonte: Arquivos da autora, 2023.

Os desenhos acima foram confeccionados por duas meninas que curiosamente depois se revelaram irmãs, crianças sorridentes que fizeram questão de mostrar seu brincar e sua casa. Os traços e cores mostram sua vida e o significado de viver na vila, o céu e o mar que constituem sua imaginação.

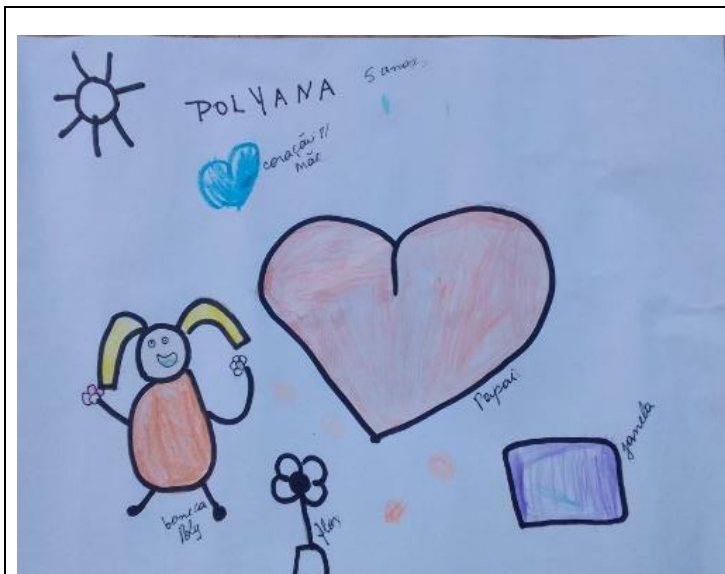
**Desenho 3** - Uma família.



“Desenhei minha mão, um barco com um homem dentro pescando. A bola que eu gosto de brincar, uma janela aqui e esses aí são meus pais, tenho dois pais e duas mães” (MIKAEL, 5 anos).

Fonte: Arquivos da autora, 2023.

**Desenho 4** - Boneca Poly.



“Eu fiz a minha boneca chamada poly, uma flor e uma janela igual a dele (Mikael), esse coração é da mamãe e esse outro é do papai” (POLYANA, 5 anos).

Fonte: Arquivos da autora, 2023.

As crianças por meio de seus desenhos, dizem muito sobre si, seu espaço e suas famílias, no compreender os significados de seus traços percebemos que esses são elementos que compõem suas vidas, inclusive na maior parte se vê o sol da praia.

A prática cultural dessas crianças, é construída por suas vivências e experiências, por essa relação entre os moradores e com outras crianças, no saber que adquiriram sobre a maré, a hora certa e com quem ir tomar banho, como reinventam uma partida de vôlei com os

materiais disponíveis, e nesse processo se reencontram enquanto sujeitos sociais. Sarmiento (2005, p. 370), estudioso da Sociologia da infância, ajuda-nos a refletir que:

As condições sociais em que vivem as crianças são o principal fator de diversidade dentro do grupo geracional. As crianças são *individuos* com a sua especificidade biopsicológica: ao longo da sua infância percorrem diversos subgrupos etários e varia a sua capacidade de locomoção, de expressão, de autonomia de movimento e de acção etc. Mas as crianças são também seres sociais e, como tais, distribuem-se pelos diversos modos de estratificação social: a classe social, a etnia a que pertencem, a raça, o género, a região do globo onde vivem.

A cultura deve ser compreendida como algo estruturado no ambiente social da qual cada sujeito faz parte, conseqüentemente, as práticas socioculturais na Vila dos Pescadores partem da realidade dos sujeitos, de tradições de gerações e do mar.

A cultura é encontrada no dia a dia das crianças em seu modo de se referir as situações como a “batida”, se reconhecendo por apelidos, de conhecer o aumento das águas, os peixes e a temporada de cada espécie de pescado.

#### **4.3 A gramática social do território praiano das crianças na Vila dos Pescadores**

A gramática social das crianças da Vila de Pescadores perpassa por expressões variadas desde as palavras, os sorrisos, os gestos, a imaginação, conversas, brincadeiras e desenhos. Esses artefatos, elucidam os elementos da cultura do lugar, pelo contar da tradição e, substancialmente, descrevem e captam os diversos simbolismos amazônicos (terra-água-praia), como a beira, o bubuia; entrecortado pelo brincar das crianças em seus movimentos do ciclo de vida. No decorrer da pesquisa, observou-se que os pilares da gramática social das crianças praianas da Vila dos Pescadores, assentam-se nos brincares; água/mar, areia/mangue e o rico imaginário social experienciado nos modos de vida da comunidade. A riqueza que se espalha nos pilares dessa gramática, reafirma o que Mota (2016, p.55), expressa:

Os infantes amazônicos não podem ser considerados como não pensantes ou improdutivos, vivendo eternamente à margem da sociedade, por não ter as capacidades iguais ao do adulto, em meio à ideia conservadora de que só os adultos é quem produz a ideia de infância. As crianças vão construindo outros meios, desenhando seus mapas, contribuindo significativamente para a produção de suas infâncias, em seu ambiente social.

Conhecer os saberes das crianças sobre seu lugar, contribui para a compreensão de sua formação enquanto sujeitos sociais. As gramáticas sociais oportunizam aprender mais sobre seu estilo de vida à medida que são cercadas pelas águas praianas e a pesca, não é uma gramática da linguagem falada que buscamos discernir, mas que trate da cultura dessas infâncias capazes de criarem e recriarem sentidos e significados.

Sarmiento (2004, Apud MOLLO-BOUVIER, 1998), assenta que as culturas das crianças não se reduzem aos elementos linguísticos, antes integram elementos materiais, ritos, artefatos, disposições cerimoniais e também normas e valores. Enfatiza, que essas gramáticas se exprimem em várias dimensões, quais sejam:

**Semântica** – a construção de significado autônomo e a elaboração de processos de referenciação e significados próprios, o era uma vez da criança não tem uma denotação histórica e temporal, significando o passado, mas remete para uma temporalidade recursiva, continuamente convocada ao presente, de tal modo que o era uma vez, é sempre a vez em que é anunciada.

**Sintaxe** – articulação dos elementos constitutivos da representação que não se subordinam aos princípios da lógica formal, mas sustentam a possibilidade da contradição do princípio da identidade; o “então eu era herói” da criança – Chico Buarque, exprime bem esta ideia de um ser que se *outra* no que vê e projeta e, por isso, articula na ordem do discurso o real e o imaginário, o ser e o não ser, o estar e o devir, homologizado na sua dupla face.

**Morfologia** - especificidade das formas que assumem os elementos constitutivos das culturas da infância: os jogos, os brinquedos, os rituais, mas também os gestos e as palavras, o berlinde do jogo da criança não é apenas um objeto esférico, mas é a peça do jogo, a preciosa moeda de troca, o troféu que se obtém ou o artefato mágico que refrata a luz. (SARMENTO, 2004, p. 22- 23).

Compreender as gramáticas sociais das crianças deve ser, levando em consideração, que seus princípios e regras ainda são uma construção teórica e epistemológica que estamos a realizar, constituindo-se um desafio científico, que para Sarmiento (2004), deve seguir quatro eixos estruturantes da cultura da infância: a interatividade, a ludicidade, a fantasia do real e a reiteração.

Então, as gramáticas sociais das crianças na Vila dos Pescadores serão retratadas e analisadas a partir dos desenhos e diálogos, do ver e dizer sobre o lugar por meio das vozes das próprias crianças. Tendo, então, o desenho como meio de comunicação que revela saberes e fazeres do contexto de vida dessas infâncias na Amazônia Paraense. De acordo com Sousa e Pires (2021, p. 68):

Nesse sentido, o desenho não é apenas uma representação, mas é ele mesmo criação. Ele traz à existência. Não significando ou sendo um símbolo de qualquer coisa, sendo, ele mesmo, a coisa criada, capaz de dar vida a algo que até então não existia. É preciso entender que mesmo interlocutores adultos produzem leituras de mundo à medida que

falam. Ora, se os adultos constroem sentidos à medida que narram as experiências através da fala, as crianças também constroem sentidos à medida que desenham.

Dessa maneira, utilizamos o desenho na produção de uma cartografia social a partir do lugar que cercam suas vidas, essas que são repletas de vivências únicas em meio as águas salgadas do mar. A cartografia social permite que as crianças revelem seus saberes e fazeres por meio de traços e cores, seu olhar sobre o lugar que as cerca com toda sua natureza, trabalho e família. Ademais:

A cartografia social busca, relativamente, trabalhar o conteúdo político e de reprodução social expressos nos objetos representados nos mapas situacionais. Considera-se que o nível de compreensão da espacialidade dos objetos representado pelas crianças e adolescentes varia conforme o nível de complexidade do uso dos elementos socioculturais existentes em seus espaços de vivência (LIMA; COSTA, 2012, 82-83)

Desse modo, as crianças são sujeitos ativos em nossa sociedade com capacidades de construir seus próprios saberes, seja, com os adultos e com seus pares. As crianças são curiosas, capazes de decidir suas ações e escolhas, como exemplo disso vale salientar que no meio do trabalho encontramos seus nomes expostos, que não deve apenas ao uso de TCLs/TALE, algo fundamental para a realização do trabalho, mas os próprios protagonistas deste trabalho fizeram questão do uso de seus nomes em suas falas e desenhos, pois, segundo os mesmo em concordância *“fui eu que fiz, então quero meu nome!”*. “A visão da criança como “não falante” passou a confrontar com a visão de que ela é um sujeito social, dotado de capacidade de fala, de interpretação e ação” (TRINDADE, 2019, p. 97). Ademais, na oficina de desenhos foram fornecidos materiais para produzirem sua cartografia social como desejassem, foi distribuído papel A4 sem pauta, cartolina, borracha, caneta piloto, lápis de escrever, lápis de cor e giz.

É considerável inteirar-se do olhar e os (re)significados que concedem à sua vila, como é possível contemplar em seus desenhos, nasceram e se criaram nessa região do Caeté, com riquezas socioculturais que os fazem ser criança amazônica no Norte do Pará.

Na oficina realizada tivemos duas cartografias sociais em dupla e outras individuais, as crianças embarcaram na atividade trazendo componentes que caracterizam seu meio. Vistos adiante:

**Desenho 5 - Cartografia Social: A casa e o mar.**



*“Desenhemos minha casa, a praia com vários barcos e com muitos peixes” (JOICIANE, 10 anos).*

*“Fizemos o céu com o sol e muitas nuvens e guaras voando” (LUANE, 10 anos).*

Fonte: Arquivos da autora, 2023.

**Desenho 6 - Cartografia Social: A casa de muitos andares e um pai no mar.**



*“Essa casa tem muito andar por que mora muita gente nela, ela ficava no campo do meio. Esse coração fiz pra minha mãe Dilma” (JACIANE, 8 ANOS).*

*“Nós fizemos a praia e meu pai pescando vários peixes, aqui também tem o céu com o sol, nuvens e vários pássaros” (GABRIELA, 10 ANOS).*

Fonte: Arquivo da autora, 2023.

As crianças fazem questão de trazer a praia como elemento de destaque, com detalhes da natureza, com o mar azul cheio de barcos e peixes, do sol que brilha fortemente no céu, suas casas de palafitas e o banho na água salgada do mar sendo um de seus afazeres preferidos, dizem da realidade vivenciada no trabalho de seus pais, a pesca sempre presente em suas falas, e sua relação com a natureza se faz presente no conviver dessas infâncias. Onde, até um apanhar

de coco se faz importante em seu contexto, explicam os detalhes de seus desenhos, por que escolheram trazer tais elementos e como as mesmas dizem “É o que vejo por aqui”.

**Desenho 7 - Cartografia Social: O apanhar de coco.**



“Eu desenhei a praia, mas é onde tem coqueiros que gosto de apanhar coco e venta muito” (JOICIANE, 10 anos).

Fonte: Arquivo da autora, 2023.

**Desenho 8 - Cartografia Social: Banho na maré.**



“Nesse desenho aqui eu fiz a praia por que é um lugar que gosto muito” (LUANE, 10 anos).

Fonte: Arquivo da autora, 2023.

Nos desenhos verificamos a vila levando em conta as águas, para refletir as gramáticas sociais das crianças percebida pelo valor e significado em ser criança na Vila dos Pescadores, em suas vozes as crianças descrevem seus traços, os significados atribuindo para os detalhes e

sua relação com esse meio, expondo sentimentos a cerca do seu contexto. Logo, o uso desenho juntamente com a cartografia social possibilita o sujeito de expor subsídios sobre questões econômicas, educacionais, de identidade e culturais que emanam do território em que vivem, o que compõe suas gramáticas na vida praiana. Assim em relação a essa cartografia elaborada no olhar das crianças:

Para a cartografia social, a importância do mapeamento não está no desenho em si (formato), mas no significado (na subjetividade) do objeto representado, pois a sua representação é pautada num contexto relacional, ou seja, faz parte de um cotidiano interativo do sujeito que mapeia o seu próprio espaço vivido (LIMA; COSTA, 2012, p.85).

A Vila dos Pescadores possui um patrimônio rico tanto em sua fauna quanto flora, além de seus próprios moradores. Nos desenhos é possível averiguar fatores que compõem esse espaço da infância, as crianças não retratam apenas os brincades, mas a natureza e o trabalho que é fundamental para subsistência de sua população.

Elas dizem sobre o tempo de ser criança em meio a essas águas praianas que não significa apenas correr livre nas areias finas da praia, todavia suas famílias tiram desse mar o sustento na pesca de peixes. “Essas características são responsáveis por atrair pescadores de várias cidades do norte e nordeste brasileiro que procuram esta vila como uma opção de moradia e trabalho” (PEREIRA et al., 2006, p. 133). É interessante notar essa concepção que as crianças detêm do lugar, isso mostra que podem reproduzir seu contexto social e as vivências experienciadas. Então, as crianças, a partir dessas suas experiências e vivências se tornam protagonistas de sua própria história, elas constroem seus próprios saberes e fazeres que devem ser levados em conta na compreensão do mundo que as cercam. Trindade (2019, p. 100) diz que ações como essas se tornam essenciais a participação de crianças nas pesquisas, que deve parte do olhar sobre ela como atores sociais plenos, que interpretam seus mundos de vida revelando os reais contextos que estão.

As gramáticas sociais apontam em nosso cenário amazônico paraense a diversidade sociocultural dessas vidas praianas. Deste modo, permite às crianças dá significado e também ressignificar a sua interação com o meio, construindo suas inter-relações com a natureza e com as pessoas.

Podemos aqui matutar que as gramáticas sociais poderiam ser trazidas através do falar e do dizer, mas quando se pesquisa a infância queremos uma gramática social que seja vista, analisada e exposta conforme a sua realidade, nesse caso nos desenhos foi possível entender

bem esse aprofundar no viver dessas crianças da Vila dos Pescadores. As águas salgadas os cercam, os influenciam em suas relações e culturas enquanto sujeitos:

O cotidiano das águas, do convívio com adultos e com a natureza, ensina as crianças, isto é, são conteúdos da gramática social presentes na formação sociocultural delas em várias dimensões: pela escuta aprendida no convívio com a natureza; pela utilização de elementos naturais no brincar, agrupamentos que misturam tempos geracionais, pela diversão, muitas vezes sem a pela forma dos separação de gênero; pela capacidade de reinventar as regras do jogo nas brincadeiras dentro d'água (TOUTONGE, 2021, p.81).

Mas claro que não podemos negar que o diálogo é fundamental na pesquisa, interagir com o sujeito nos permite assimilar traços de seus arcaibouços na cartografia social com o contexto de saberes. Onde, trazem suas casas, sua família o barco de seus pais no mar e os animais que observam em seu dia a dia. Dissertam da calma e a liberdade que o lugar oferece, o vento que bate em seus rostos e a diversão que podem realizar com os amigos.

Suas vozes se fazem ouvidas, suas gramáticas sociais partem da construção de seus saberes e fazeres socioculturais do território Caeté, do imaginário do brincar, da sua identidade enquanto sujeitos praianos que conhecem o período das águas grandes, quando o sol não está mais tão quente, que o mar pode fornecer diversão e alimento, que o futuro depende de sua luta para ir e vir da escola. Essas movências em meio as águas salgadas do mar escrevem as gramáticas sociais dessas infâncias que produzem e trocam conhecimentos ímpares sobre si e o mundo que as circundam.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado partiu de algo muito maior dentro do projeto de pesquisa *As Gramáticas Sociais de Crianças e suas Infâncias em Territórios de Águas de Regiões da Amazônia Paraense*, aprovado pela CHAMADA UNIVERSAL - CNPq/MCTI/FNDCT N° 18/2021. Buscar conhecer as crianças e sua infância em território amazônica na região do Caeté significa dar voz a elas, sendo os principais protagonistas a contar como é ser criança cercada pelas águas praianas. Deste modo, a praia é um elemento que possui forte influência no contexto de vivências e experiências dessas crianças.

É a partir das águas do mar que se reconhecem, logo, são crianças em casas sem muros, não precisam ir muito longe para sentir a areia da praia nos pés, nem a brisa mansa no rosto ou até para ver os guarás voando, brincam livremente com seus amigos, do brincar de boneca a uma partida de vôlei com uma rede velha de pescador, entendem os afazeres para a subsistência da família como também valorizam sua educação escolar.

Entretanto, as circunstâncias de vida na Vila dos Pescadores portam adversidades. O brincar na água sozinho pode ser perigoso, o acesso a água para beber e cozinhar possui um preço, o caminho para a escola nem sempre é fácil, mas seja por entre a água e sob um sol forte do verão, mães e crianças caminham em terra de chão batido até a escola mais próxima na Vila do Bonifácio, pela inexistência de transporte escolar e, portanto, faça chuva ou faça sol, mães e crianças caminham, param e refletem “*porque não constroem uma escola para as crianças, aqui na Vila dos Pescadores*”, nos disse a mãe Amália.

As gramáticas sociais e culturais praianas, dizem muito sobre o lugar e o tempo de ser criança. Os saberes expressos em seus desenhos e diálogos advêm de aspectos socioculturais, das relações com adultos e pares, como também com seu espaço natural. Conservam saberes tradicionais, mas ressignificam outros sobre sua vila através de seus brincares, do trabalho de seus pais e da escola. Estudar crianças e infâncias requer citar educação, as gramáticas sociais e culturais expressas pelas crianças da Vila dos Pescadores detêm aspectos fundamentais para que reafirmem seus direitos de aprender. Que o trabalho assim possa subsidiar em nosso cenário amazônico processos de formação para educadores e um currículo em que os sujeitos se encontrem.

Consequentemente, as crianças compreendem papéis relevantes em nosso meio social, estas engendram saberes singulares sobre o mundo em que suas narrativas pelas águas constituem suas experiências e vivências assim como suas gramáticas sociais da infância praiana. Deste modo, é essencial reconhecer a infância não meramente pelo brincar, mas pela vontade de derrubar fronteiras na esperança de adquirir novos conhecimentos e do reconhecimento de seus saberes e fazeres dos direitos de ser criança, sendo, significativo ampliar os estudos sobre Sociologia da Infância em diferentes territórios em que as crianças estão continuamente aprendendo e ensinando.

A investigação vem apontando que as gramáticas sociais e culturais das crianças praianas, estão interrelacionadas e assentada nos pilares dos traços identitários da cultura local, seus brincares, e um cotidiano em constantes movências (águas-brincares-pontes-escola-praia). Ademais, é preciso procurar entender que essas gramáticas sociais fazem parte de uma tradição muito rica oriundas das crenças, costumes, falares, jeito de vestir e a invenção dos brincares.

Portanto, escrever sobre as infâncias na Amazônia Paraense significar adentrar contextos de vidas que engendram gramáticas sociais divergentes com os espaços que

vivenciam, uma infância na beira de um rio possui suas especificidades, assim como uma infância na maré com suas ondas, culturas, identidade, sonhos e embates.

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Murilo Matos de.. ***Pesquisas com crianças na Amazônia: uma análise da produção nos programas de pós-graduação em educação da região Norte***. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação/Campus Universitário de Bragança/Universidade Federal do Pará. Bragança, Pará, 2023. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/5997>. Acesso em: 05 jul. 2023.

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Rev. Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, jan. /jun. 2007. p. 11-27.

BRANDÃO, C. R. Olhar o mundo e ver a criança: ideias e imagens sobre ciclos de vida e círculos de cultura. **Crítica Educativa**, Sorocaba/SP, Vol.1, n.1, p. 108-132, jan./jun. 2015.

BRANDÃO, Priscilla Pantoja do Nascimento; BRITO, Ângela do Céu Ubaiara. A cultura infantil ribeirinha: ou brincar e os brinquedos no cotidiano da comunidade de Arraiol/Bailique-AP. **Macapá: Fronteiras e Debates**, v. 5, n. 1, jan./jun. 2018.

CORREA, Maria Francisca Ribeiro. **Entre o rio e a mata: um olhar decolonial sobre as imagens e representações das infâncias de crianças ribeirinhas e suas implicações na prática escolar nas ilhas de Abaetetuba-Pa**. Tese de Doutorado- UFPA. 2022.

DINDONET, V. **Para você me educar**. Disponível em: <https://salesolucoes.wordpress.com/2014/06/30/para-voce-me-educar-vital-didonet/>. Acesso em 29 out. 2023.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. Depoimento. **Revista De Antropologia**, 46(2), 357-360. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012003000200005>. Acesso em 12 set. 2003.

FREITAS, Maria Natalina Mendes. **O estado do conhecimento sobre infância-educação no Brasil e na Argentina: um estudo com base na hermenêutica de Paul Ricoeur**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

FREITAS, M. N. M. Escolas às margens das águas: por uma educação escolar própria, em contextos ribeirinhos. In: POJO, Eliana Campos Toutonge *et al.* (org.). **Saberes das águas na Amazônia: conhecimentos tradicionais, processos educativos e culturas de ribeirinhos**. Campinas, SP: Pontes Editores. 2021.

FREITAS, Maria Natalina Mendes; TUVÉRI, Ana Célia da Silva. Infâncias e Crianças da Amazônia Paraense. In: TOUTONGE, Eliana Campos Pojo; ALVES, Eliene da Silva; FREITAS, Maria Natalina Mendes (orgs.). **Água na Amazônia Paraense: Território educativo de crianças**. Manaus, AM: Editora dos Autores, 2021.

GUSMÃO, N. M. M. Olhar viajante: Antropologia, criança e aprendizagem. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 2 (68), p. 161-178, maio/ago. 2012.

KRAMER, Sônia; PENA, Alexandra. Vulnerabilidade e ética na pesquisa em educação. In: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. **Ética e pesquisa em Educação: subsídios**. Rio de Janeiro: ANPED, 2019.

LIMA, Marcos Vinícius da Costa; COSTA, Solange Maria Gayoso da. Cartografia social das crianças e adolescentes ribeirinhas/quilombolas da Amazônia. **Revista Geografares**, n.12, p. 76-113, 2012.

MOTA, Marinete Lourenço. **A criança na fronteira amazônica: o viver no fio da navalha e o imaginário da infância**. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, 2016.

OLIVEIRA, Ana Paula Lima Carvalho de; SILVA, Iolete Ribeiro da; PRINTES, Jocicléia Souza. Entre a escola e o rio: vivências e desafios da educação infantil ribeirinha. **Revista Exitus**, Santarém/PA, Vol. 12, p. 01 - 25, 2022.

PEREIRA, Luci Cajueiro Carneiro et al. **Dinâmica socioambiental na Vila dos Pescadores (Amazônia Oriental, Pará, Brasil)**. Brasil: Desenvolvimento e Meio Ambiente, Editora UFPR, n. 13, p. 125-136, jan./jun. 2006. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/290293653\\_Dinamica\\_socioambiental\\_na\\_Vila\\_dos\\_Pescadores\\_Amazonia\\_Oriental\\_Para\\_Brasil](https://www.researchgate.net/publication/290293653_Dinamica_socioambiental_na_Vila_dos_Pescadores_Amazonia_Oriental_Para_Brasil). Acesso em: 10 de nov. 2023.

PEREIRA, Laura Belém et al. A educação como prática de cultura na Amazônia. **Research, Society and Development**, Amazônia, v. 10, n. 3, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i3.13605>. Acesso em: 15 de ago. 2023.

RADAR EDUCACIONAL AMAZÔNICO: iniciativas promissoras para a educação de populações [livro eletrônico]. **Fundação Amazônia Sustentável (FAS)**, Instituto Unibanco. Manaus, AM: Fundação Amazônia Sustentável. Disponível em: <https://fas->

[amazonia.org/novosite/wp-content/uploads/2022/03/radar-educacional-amazonico.pdf](https://amazonia.org/novosite/wp-content/uploads/2022/03/radar-educacional-amazonico.pdf). Acesso: em 20 de jul. 2023.

ROSA, Ivana Marins da; FERREIRA, Manuela. **Ganhar acesso numa etnografia com crianças em espaços públicos abertos: dilemas de confiabilidade em tempos de riscos.** *Revista Zero-a-Seis*. Florianópolis, v. 21, n. 40, p. 249-275, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2019v21n40p249>. Acesso em: 12 de out. 2023.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definido conceitos, delimitando o campo. In: SARMENTO, Manuel Jacinto, PINTO, Manuel (Coords.). **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade de Minho, 1997. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/79715>. Acesso em: 20 de ago. de 2023

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da Segunda Modernidade**. In: SARMENTO, Manuel Jacinto.; CERISARA, A. B. (Coords.). *Crianças e miúdos. Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: Asa. 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da sociologia da infância. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005.

SARMENTO, Manuel. Sociologia da Infância: Correntes e Confluências. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (org). **Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais**. Petropolis: Editora Vozes 2008.

SARMENTO, Teresa. A criança entre-lugares: na família e na escola. In: FILHO, Altono José Martins; DORNELLES, Leni Vieira (orgs.). **Lugar da Criança na Escola e na Família**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2018. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/57854>. Acesso em: 16 de ago. 2023.

SILVA, Juliana Pereira da; BARBOSA, Silvia Neli Falcão; KRAMER, Sônia. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. *Revista Perspectiva*, Florianópolis, v. 23, n. 01, p. 41-64, jan./jul. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9694>. Acesso em: 20 de out. 2023.

SOARES, Natália Fernandes. A investigação participativa no grupo social da infância. *Currículo sem Fronteira*, v. 6, n. 1, pp. 25-40, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2006/vol6/no1/3.pdf>. Acesso em 20 de jun.2023.

SOUSA, Emilene Leite de.; PIRES, Flávia Ferreira. **Entendeu ou quer que eu desenhe? Os desenhos na pesquisa com crianças e sua inserção nos textos antropológicos.** Porto Alegre: Horiz. antropol., ano 27, n. 60, p. 61-93, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/horizontes/5343>. Acesso em: 10 de nov. 2023.

TOUTONGE, ELIANA CAMPOS POJO. O cotidiano das Águas no brincar de crianças ribeirinhas e quilombolas do baixo Tocantins - PA. *@arquivos Brasileiro de Educação*, Belo Horizonte, v. 6, n. 14, mai. – ago., 2018.

TOUTONGE, Eliana Campos Pojo; FREITAS, Maria Natalina Mendes. Possibilidades Didáticos - Metodológicas de um Ensinar-Aprender Amazônida. In: TOUTONGE, Eliana Campos Pojo; ALVES, Eliene da Silva; FREITAS, Maria Natalina Mendes (orgs.). **Água na Amazônia Paraense: Território educativo de crianças.** Manaus, AM: Ed. Dos Autores, 2021.

TOUTONGE, Eliana Campos Pojo; ALVES, Eliene da Silva. Brincades nas Águas. In: TOUTONGE, Eliana Campos Pojo; ALVES, Eliene da Silva; FREITAS, Maria Natalina Mendes (orgs.). **Água na Amazônia Paraense: Território educativo de crianças.** Manaus, AM: Editora dos Autores, 2021.

TOUTONGE, Eliana Campos Pojo. Diversidade cultural que vem das águas, das matas e da terra. In: TOUTONGE, Eliana Campos Pojo; ALVES, Eliene da Silva; FREITAS, Maria Natalina Mendes (orgs.). **Água na Amazônia Paraense: Território educativo de crianças.** Manaus, AM: Editora dos Autores, 2021.

TOUTONGE, Eliana Campos Pojo; FREITAS, Maria Natalina Mendes. As crianças e a natureza em contextos rurais amazônicos. **Revista Exitus**, Santarém/PA, Vol. 12, p. 01 - 25, e022005, 2022.

TRINDADE, Marileia Pereira. **Representações Sociais Sobre Crianças e Infâncias em Teses e Dissertações da Amazônia.** 2019. 201 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

UNICEF. **Uma agenda para crianças e adolescente na Amazônia.** 2018. Disponível em: <https://www.unicef.org>. Acesso em: 15 out. 2023.

UNICEF. **Pobreza na Infância e na Adolescência.** 2018. Disponível em: <https://www.unicef.org>. Acesso em: 15 out. 2023.

**ANEXOS:****ANEXO 1- TCLE****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
RESPONSÁVEL**

Eu, Maria Natalina Mendes Freitas, professora da Universidade Federal do Pará, Faculdade de Educação, Campus Universitário de Bragança, residente na Rua Américo de Sousa, Vila Juliana 1, Casa 5, Bairro Aldeia, estou coordenando a pesquisa **As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense**. Para realizar este estudo, pretendemos entender as gramáticas sociais das águas pelas vozes das crianças residentes em territórios ribeirinhos, praiano e de manguezais das regiões Xingú, Baixo Tocantins e Caeté, na perspectiva de (re)afirmarem suas infâncias e suas redes de saberes fazeres e, também, que possam subsidiar políticas públicas para a infância do campo.

A pesquisa envolve a observação das crianças, suas brincadeiras e suas conversas, e também entender seus desenhos e analisar as imagens contidas em fotos tiradas por elas e por mim, sendo que essas gravações, filmagens e fotografias, ficarão armazenadas por mim coordenadora desta pesquisas, por um período de 5 anos, na sala 31, bloco administrativo do Campus Universitário de Bragança. Essas observações ocorrerão nas comunidades da região em estudo, em média de cinco encontros, com duração de três a dias de duração e serão sempre acompanhadas de um pesquisador regional e seu bolsista.

Além disso, o estudo também envolve a obtenção de depoimentos orais (entrevistas) dos adultos sobre a infância vivida. No momento das entrevistas, caso venha sentir-se desconfortável com algumas questões que não lhe seja agradável, o senhor/a, terá a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação ou penalidade. A desistência não causará nenhum prejuízo à pesquisa. Sei que minha participação é livre, voluntária e espontânea, e que o senhor/a, não terá qualquer tipo de despesa para participar da pesquisa e não receberá remuneração por sua participação.

Fui esclarecido(a) de que a entrevista poderá ser gravada para facilitar o registro das informações e que apenas os pesquisadores desta pesquisa terão acesso à gravação. Fui informado(a) ainda de que a gravação de minha entrevista e as anotações sobre ela ficarão, como todo material produzido na pesquisa, sob a responsabilidade da coordenação geral da pesquisa e serão utilizadas apenas nesta pesquisa e em apresentação de trabalhos de cunho científico nacional ou internacional.

Também fui informado (a) de que os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados em relatórios e em formato livro, não associando as informações fornecidas ao nome dos participantes das regiões envolvidas nesta pesquisa.

A realização desse estudo contribui para entender que há muitas vivências infantis paraenses, e que no caso das comunidades ribeirinhas, praianas e de manguezais, a infância e as crianças também são múltiplas, e devem ser valorizadas e compreendidas como sujeitos membros de histórias únicas, ligadas aos costumes e à tradição de cada comunidade. Por meio do universo infantil ribeirinho, praiano e de manguezais, a partir das crianças, também podemos compreender os próprios territórios rurais paraenses. Os estudos sobre as crianças ribeirinho, praiano e de manguezais também contribuem para pensar uma educação escolar que as valorize, que aborde a diversidade e a cultura local, bem como a história dessas comunidades.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Fui informado(a) de que, a qualquer momento, posso ter esclarecidas as dúvidas que surgirem.

Por isso, solicito aos pais e responsáveis desta comunidade, autorização para a realização das observações e das entrevistas.

Ao finalizar a pesquisa, tenho o compromisso de disponibilizar os resultados obtidos por meio de uma Roda de Conversa em que será apresentado à comunidade em momento de confraternização e agradecimento. Esclareço que o trabalho tem apenas fins acadêmicos e de divulgação científica no campo da Educação. Em caso de dúvidas poderão me contatar através dos telefones (91)99321-5198.

Assinatura do responsável legal: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

## ANEXO 2 – TCLE/TALE

## TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

Para crianças (maiores que sete a dez anos)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “**As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense**”, coordenada pela profa. Dra. Maria Natalina Mendes Freitas. Seus pais permitiram que você participe. Queremos saber das crianças sobre suas brincadeiras e sua vivência no dia a dia da comunidade. Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. As crianças que irão participar desta pesquisa têm de 7 a 10 anos de idade. A pesquisa será realizada no espaço do Centro Comunitário da Comunidade, onde as crianças irão produzir desenhos sobre: as brincadeiras que realizam e mais gostam, desenhar como é sua comunidade e contar como o dia-a-dia das crianças, o que fazem, o que não gostam de fazer e dizer se gostam de viver nessa comunidade. Para isso, será usado/a lápis grafite, lápis de cor, giz de cera, papel A4, cartolina e pincéis atômicos, ele é considerado (a) seguro (a), mas é possível acontecer de alguma criança se machucar com os lápis, por isso é necessário que esses materiais fiquem nas caixas disponibilizadas pelos pesquisadores e somente utilizados quando forem necessários a produção dos desenhos. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos telefones (91 99321-5198). Há coisas boas que podem acontecer como socialização dos desenhos, um lanche que será servido após as atividades serem desenvolvidas. Voltaremos aqui na comunidade para socializar a pesquisa e você poderá ver seus desenhos ilustrando nossas escritas. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados em relatórios, livro e vídeos, mas sem identificar as crianças que participaram.

## CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa “**As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense**”. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva/chateado comigo. Os pesquisadores esclareceram minhas dúvidas e conversaram com os meus pais/responsável legal. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e quero/concordo em participar da pesquisa/estudo.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

Assinatura do menor

Assinatura do pesquisador responsável

Em caso de dúvida com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

<b>Pesquisador(a) Responsável:</b> Maria Natalina Mendes Freitas Rua: Américo de Sousa, Vila Juliana 1, Casa 5, Bairro Aldeia, CEP: 68.600-000 Telefone: (91)99321-5198 E-mail:mnfreitas@ufpa.br	<b>Universidade Federal do Pará,</b> Faculdade de Educação/Campus Universitário de Bragança Endereço: Rua Leandro Ribeiro, s/n, Bragança/Pa. CEP 68.600-000
--	---

**Obs. : O participante da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TALE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.**

## ANEXO 3 – TCLE/TALE

## TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

Para crianças (menores de quatro a seis anos)



Você está sendo convidado a participar da pesquisa “As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense”, coordenada pela profa. Dra. Maria Natalina Mendes Freitas. Seus pais permitiram que você participe. Queremos saber das crianças sobre suas brincadeiras e sua vivência no dia a dia da comunidade, por meio de seus desenhos e analisar as imagens contidas em fotos e vídeo gravações produzidas por você e por mim.. Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. As crianças que irão participar desta pesquisa têm de 4 a 6 anos de idade. A pesquisa será realizada no espaço do Centro Comunitário da Comunidade, onde as crianças irão produzir desenhos sobre: as brincadeiras que realizam e mais gostam, desenhar como é sua comunidade e contar como o dia- a-dia das crianças, o que fazem, o que não gostam de fazer e dizer se gostam de viver nessa comunidade. Para isso, será usado/a lápis grafite, lápis de cor, giz de cera, papel A4, cartolina e pinças atômicas, ele é considerado (a) seguro (a), mas é possível acontecer de alguma criança se machucar com os lápis, por isso é necessário que esses materiais fiquem nas caixas disponibilizadas pelos pesquisadores e somente utilizados quando forem necessários a produção dos desenhos. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos telefones (91 99321-5198). Há coisas boas que podem acontecer como socialização dos desenhos, um lanche que será servido após as atividades serem desenvolvidas. Voltaremos aqui na comunidade para socializar a pesquisa e você poderá

ver seus desenhos ilustrando nossas escritas. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados em relatórios, livro e vídeos, mas sem identificar as crianças que participaram.

### CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa “As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense”. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva/chateado comigo. Os pesquisadores esclareceram minhas dúvidas e conversaram com os meus pais/responsável legal. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e quero/concordo em participar da pesquisa/estudo.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

Assinatura do menor

Assinatura do pesquisador responsável

Em caso de dúvida com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

<b>Pesquisador(a) Responsável:</b> <b>Maria Natalina Mendes Freitas</b> <b>Rua: Américo de Sousa, Vila Juliana 1,</b> <b>Casa 5, Bairro Aldeia,</b> <b>CEP: 68.600-000</b> <b>Telefone: (91)99321-5198</b> <b>E-mail: mnfreitas@ufpa.br</b>	<b>Universidade Federal do Pará,</b> <b>Faculdade de Educação/Campus</b> <b>Universitário de Bragança</b> <b>Endereço: Rua Leandro Ribeiro, s/n,</b> <b>Bragança/Pa. CEP 68.600-000</b>
---	---

Obs.: O participante da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TALE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.